

Manuel Gusmão

A DOR HUMANA

1

Brocas e bisturis, êmbolos, lancetas, pinças, seringas e sistemas
tubulares & luminosos;
boiões com líquidos coloridos e ramos de árvores
submetidas a enorme pressões
no interior de planetas vagabundos.
Esta paisagem é húmida com os seus tufo fanerogâmicos
baloçando ao vento os seus frutos
himenópteros, essas abelhas frias, que
depois se enervam
e embranquecem – névoas e
brumas – utensílios adaptados não apenas aos seus deveres funcionais mas
às leis formais do trabalho
segundo a beleza.

Há então uma dança propiciatória
Ei-los que injectam
a meia profundidade dos pulmões.
a doença que alucina as imagens do mundo,
uma infecção respiratória raríssima
que produz minúsculas plantações
de musgos e cogumelos que espalham
através do olfacto
o seu veneno

Esta é uma paisagem de laboratório; sim;
uma paisagem laboratorial que na prata
desenha os seus acidentes e instrumentos

esta paisagem apenas conhece a
vida pelo modo como calcula a doença
que a vai corroendo;
esta não é uma paisagem de altivos candelabros
mas apenas de uma linha rasa de luz branca que incendeia a cicatriz cirúrgica
que ficou como consequência
e vestígio do voo fino dos floretes
com que os architectos paisagistas modelaram
o teu tronco em desequilíbrio sob o arco
da ponte de Carvão e Aço.

A dor humana aguarda no porto os navios de grande calado e o couraçado inglês já
fóssil

que os vigia, fretados pelas grandes companhias farmacêuticas
transnacionais, – consigo trazem
as embalagens hospitalares que, só elas, poderão
ter alguma hipótese de êxito contra uma tal acumulação
de corpos enfezados,
de fezes gordas e nauseabundas dos
Trópicos, de miasmas e febres,
por onde vagueia, esticando o seu pescoço a paixão defunta – ah,
que grande cobra, – a magnífica –
a Lúbrica
doença.

O cais estremece de uma ponta a outra
da cidade submarina. Marés de fel
de grandes dimensões são expansões quantitativas
e metafóricas daquelas que conhecemos como
essas as ondas
que já
ninguém sabe de onde
vêm nem
para onde vão.
Altíssimas
elevam a linha do horizonte
claramente acima da curva que
te desenha

o estômago; é a perspectiva
de uma formidável
contração gástrica
que implodirá e explodirá mais tarde

4

A Base militar a partir da qual se montam
o cérebro e
a capital e se estendem, pela paisagem
os pequenos escaleres do sistema nervoso central
que alimentam agora o brilho medido da vasta noite
termo-eléctrica.

As paredes laterais de vidro escondem
larguíssimas portas que estão fechadas
e apenas se abrem ao trânsito leve
/e asiático das marquesas em hora de ponta.

A parede do fundo é de pedra mármore
verde

dividida em quadrados que esquadriam um mesmo motivo floral, onde os
relevos e contra-

-relevos

apenas se afirmam pela maior ou menor intensidade

do verde. Centralmente, mais perto contudo da parede do fundo; um cilindro;

desce. – um baobab; a estátua de um deus – cuja pele é de couro
branco e os cascos são de touro
sendo que é de madeira e metal a estrutura de encaixes que o forma e na qual vêm
alojar-se écrans e teclados de computador; olhos onde cintilam valores alfa-
-numéricos, a vermelho, amarelo e azul sobre o negro

daquela noite

em que vestida de algodão com quadrados brancos e sépia
Henrika te esperava com um gosto a cinza nos lábios côm de laranja. Ela esperava-te e
esperava Hortense, cuja solidão é a mecânica erótica
das filhas de Lesbos e o estímulo para a sua dinâmica
amorosa. E Elas apanharam do chão a bandeira, a única e verdadeira, –
a bandeira vermelha... e marcharam pelo amor ímpar. A Europa, putrefacta e
hipócrita, a puta

velha

finalmente se unia no seu conceito
à clara e jovem e
breve ninfeta que eu levava ao jardim de Heliópolis,
e ofertara
ao velho Zeus que, com o seu marsapo, por trás a trabalhando
do avesso a comia
e em
Putta velha a transformara.

Na fímbria ondulante da areia da praia
que o mar lentamente endurece como se os mil
mamilos da jovem ninfeta fossem que a língua do touro
dispersando-se, branca e vermelha, punha a vibrar

Aye toda a lua é atroz e todo o sol amargo!

Ó que a minha quilha estoire! Ó que eu vá ao mar!

se eu me puser a desejar uma água
da Europa

tão só um charco é o que me
oferecem ou um poço

lamacento, negro e frio, onde uma
criança de Maio

brinca na tristeza que em Maio a
deixa p´ra trás sob

o açoite ocidental.